

## **O fantasma da mãe na roca: a condição feminina presa a dupla moral da família patriarcal brasileira na trajetória de luta de “Ana Terra”**

Claudiane PRASS<sup>1</sup>

### **Resumo**

A dupla moral patriarcal condiciona a vida de muitas mulheres a um formidável peso social, como o vivenciado, em especial, pela protagonista desta obra e de sua mãe dona Henriqueta. Trata-se de um legado de gerações, e assim como imagem de sua mãe fica presa a roca o destino de Ana também fica, sendo que ambas não conseguem se libertar do desígnio feminino preso à moral patriarcal. A roca e a tesoura são a representação simbólica da herança desse trágico destino, herdadas da mãe e repassadas para a neta Bibiana. Tais conjunturas sociais, o autor da obra consegue expor brilhantemente em sua narrativa que possui um pano de fundo histórico sobre esses rincões do Brasil.

**Palavras - chaves:** Honra. Família. Luta.

### **Abstract**

The double patriarchal moral conditions the lives of many women to a formidable social weight, as experienced in particular by the protagonist of this work and her mother Mistress Henriqueta. It is a legacy of generations, and as the image of her mother also the Ana's fate is prey to the distaff, so both women cannot break free of the feminine design stuck to the patriarchal morality. The distaff and the scissors are the symbolic representation of the legacy of this tragic fate, inherited from the mother and passed on to the granddaughter, Bibiana. The author of the novel can expose brilliantly in his narrative such social conjunctures with a historical background on Brazil's corners.

**Keywords:** Honor. Family. Fight.

### **Introdução**

A narrativa em análise, “Ana Terra”, de Érico Veríssimo, integra o livro “O Continente” que vem a ser a primeira parte da conhecida trilogia do “Tempo e o Vento”. Sabe-se que o autor tem por base a verossimilhança com a história da formação do

---

<sup>1</sup> Mestranda da Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Sociedade na Universidade Estadual do Paraná-UNIOESTE – Campus de Cascavel. E-mail: claudianeprass@yahoo.com.br

estado do Rio Grande do Sul. A narrativa ocorre em um cenário marcado pela disputa de terras entre portugueses e castelhanos na região denominada de Continente. Este local de conflitos apresentado na obra ficcional coincide com a história oficial, na qual, também, foram pertinentes guerras de limites territoriais provenientes do não cumprimento do acordo determinado por Portugal e Espanha no antigo Tratado de Tordesilhas (1494), passando por vários outros tratados<sup>2</sup> para, então, configurar parte do atual território brasileiro.

A Guerra das Missões conhecida, também, como Guerra Guaranítica, foi um dos mais marcantes conflitos dessa disputa, travada pelos colonizadores espanhóis e portugueses contra os índios guaranis, resultando na destruição da redução jesuítica dos Sete Povos das Missões<sup>3</sup>. Ocorrida após a assinatura do Tratado de Madrid, em 1750, que delimitava a fronteira entre Espanha e Brasil, no sul do continente americano. De acordo com o texto de Francisca Gracilene Teixeira Terto, publicado no site InfoEscola, o saldo dessa guerra foi trágico, “[...]índios foram esquartejados, mulheres violentadas por ambas às tropas e crianças monstruosamente assassinadas. Em maio de 1756 chega ao fim à oposição guarani, com um saldo de mais de 1.500 indígenas mortos[...]” (TERTO, [2014]). Segundo dados históricos, em 1761, Portugal e Espanha decidiram anular o Tratado de Madri<sup>4</sup>, fazendo cessar todas as providências para sua implementação. Puderam, então, índios e jesuítas voltar a cruzar o rio Uruguai, retornando aos Sete Povos, que ficou apenas com metade de sua população<sup>5</sup>. Posteriormente, com a expulsão dos padres jesuítas, acabaram, definitivamente,

---

<sup>2</sup> Segundo várias fontes históricas sobre o Brasil, o tratado de Tordesilhas foi revogado pelo tratado de Madrid (1750), passando pelo acordo de El Pardo (1761), do Tratado de Santo Ildefonso (1777), e pelo Novo Tratado de Pardo (1778). Portanto, foram estabelecidos diversos acordos entre Portugal e Espanha com o propósito de encontrar-se uma solução para evitar novos conflitos na região e, ao mesmo tempo atender aos interesses políticos das metrópoles, até por fim estabelecer-se o limite territorial na fronteira sul do Brasil.

<sup>3</sup> “Os Sete Povos das Missões” era constituída por sete povoados: São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo Custódio. (www.riogrande.com.br, acesso em jun. 2014)

<sup>4</sup> A celebração do chamado Tratado de Madri, em janeiro de 1750, assegurava a paz com uma troca que colocaria abaixo a república dos índios: a Espanha ficaria com a Colônia do Santíssimo Sacramento, uma pequena área de terras com uma fortaleza e modesta povoação, e dava em troca os chamados Sete Povos das Missões, no atual Rio Grande do Sul. (www.riogrande.com.br, acesso em jun. 2014)

<sup>5</sup> No final do século XVIII, a população indígena das reduções se aproximava de 600 mil pessoas. Depois da guerra guarani, em 1768, os cálculos oficiais indicavam menos de 300 mil. Em 1801, a população oficial era de 42.885 índios. Somente no lado brasileiro, havia 30 a 40 mil índios quando do Tratado de Limites e, em 1827, não mais do que 1.874 (www.riogrande.com.br, acesso em jun. 2014).

abandonando o povoamento e se dispersando. (www.riogrande.com.br, acesso em jun. 2014)

As reduções foram fundadas pelos padres espanhóis, pertencentes à Companhia de Jesus, que possuíam o objetivo de ensinar aos índios a doutrina católica, integrando-os à cultura europeia e, portanto, ao processo de colonização, ensinando-lhes crenças e costumes. No romance, este povoado é lembrado por Veríssimo, pelo índio Pedro Missioneiro que fora educado naquela comunidade por padres jesuítas, fugindo da redução ainda quando criança acabou crescendo nos acampamentos dos militares, percorrendo um lado e outro do Rio Uruguai, até ser encontrado ferido no leito do rio pela personagem Ana Terra.

As habilidades de Pedro, adquiridas com os padres na missão de São Miguel<sup>6</sup>, chamaram a atenção da família Terra, pois, este sabia ler e escrever e, ali na estância ninguém possuía tal conhecimento. Para provar que estava dizendo a verdade sobre sua origem, chegou a expressar uma frase em latim, dizendo ser língua de padre, além de ter lido um texto que confirmava ter sido um soldado. Ao tocar flauta, encanta a todos e, em particular, Ana que jamais havia ouvido música, pois, não conhecia até então alguém que soubesse tocar algum instrumento. O índio possuía, ainda, outras habilidades, mas o que determinou que pudesse permanecer na estância foi o episódio, no qual demonstrou ser o melhor domador de cavalos que Maneco Terra já havia conhecido.

Apesar de cativar, aos poucos a família Terra, Pedro jamais seria aceito como membro desta, pois, era considerado um ser inferior. Foi tratado, no início, pelo patriarca da família, Maneco Terra, com muita aspereza, o qual possuía suas convicções de que índio era animal, um bicho traiçoeiro. Entretanto, pelos serviços prestados à família tornou-se útil, conquistou certa confiança e estabeleceu sua moradia. Já para a personagem Ana, ele passou a representar uma mistura de ódio e fascínio, que por fim, se tornaram desejo, por mais que ela tentasse convencer-se do contrário. Pedro, também, além dos irmãos e do pai, era o único homem da estância e, ela acabou rendendo-se ao seu anseio, encontrando-se com ele várias vezes, às escondidas.

---

<sup>6</sup> Como já citado acima, São Miguel era um dos sete povoados pertencentes aos Sete Povos das Missões. (www.riogrande.com.br, acesso em jun. 2014).

## “A honra, a honra, a honra!”

A protagonista “Ana Terra” irá sofrer o peso social da família patriarcal brasileira em sua vida, a partir de seu envolvimento com o índio, como descrito acima. A família Terra economicamente não se ajusta totalmente ao modelo *pater-familias* do Brasil império, apesar de estar em um processo de constituição da família tradicional, porém, a ordem moral não a pouparia, sendo que, de acordo com Gilberto Freyre, embora o patriarcalismo brasileiro variasse em seu conteúdo econômico e geográfico, sociologicamente, o fenômeno foi o mesmo em sua forma e processo, admitindo uma generalização, resultado das características de uma organização predominantemente feudal. (2000, p.386). Dessa forma era o pai que possuía plenos poderes sobre a esposa, filhos, filhas, agregados, escravos etc., como descreve Antonio Cândido:

A autoridade paterna era praticamente ilimitada pois os filhos permaneciam submetidos ao pai enquanto este vivesse, moravam freqüentemente em sua casa ou em outra que ele lhe dava. Por direito a iniciativa econômica e política era sua e, em alguns casos extremos é que está a prova de sua onipotência, pois ele proferia sentenças contra seus descendentes rebeldes, assim como julgava seus agregados e adversários – sem dirigir-se a justiça real. (1951, p.3)

Não somente o temor ao pai que representava a estrutura patriarcal, mas também, sua dupla moral, a qual se permitia “[...] ao homem todas as liberdades de gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir a cama com o marido, toda santa noite que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado da obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filho, criar menino.” (FREYRE, 2000, p.125). Segundo Antonio Cândido, para suprir a tal liberdade sexual masculina surge outra classe de mulheres, pertencentes à margem, primeiramente as escravas e agregadas e depois as prostitutas, já que se somente as moças conservavam a virgindade e, o casamento era indissolúvel, enquanto os moços começam cedo a sua vida sexual e os maridos tinham certo direito a infidelidade, era óbvio que precisa haver certa classe de mulheres para equilibrar a situação. (1951, p.15-16).

O poder paterno é apresentado na obra, por Maneco Terra, um homem rude que mantinha sob seu domínio a esposa Henriqueta, sua filha Ana, seus dois filhos, Horácio

e Antonio e seus escravos. Portanto, o medo, a culpa e o sentimento de vergonha perpassavam constantemente a mente de Ana, que pensava no horror que poderia vir acontecer caso um de seus irmãos, ou seu pai descobrissem algo a respeito do seu envolvimento íntimo com Pedro, pois, conhecia casos de que pais matavam suas próprias filhas ao saber que haviam sido “desonradas”, pois o para a moral patriarcal honra se lavava com sangue.

À noite Ana dormia mal, pensava muito e temia mais ainda. Procurava convencer a si mesma de que podia viver sem Pedro, continuar como era antigamente. Achava que tudo tinha acontecido por causa do calor e da solidão. Mas, se por um lado queria levar seus pensamentos para essa direção, por outro seu corpo ia sempre que possível para Pedro, com quem continuava a encontrar-se à hora da sesta no mato da sanga. [...] Eram momentos rápidos, excitantes e cheios de susto. E, no dia que pela primeira vez ela sentiu toda a plenitude do prazer do amor, foi como se um terremoto tivesse sacudido o mundo. Voltou para casa meio no ar, feliz... (A. T.<sup>7</sup>, p 65).

A situação se agravou quando Ana começou a desconfiar de sua gravidez, ao sentir pela primeira vez tonturas e náuseas. Mas como ter certeza, se não havia recurso médico, nem mesmo calendário ou relógio naquele confin de Brasil, onde viviam praticamente isolados do mundo? Como informa o narrador, os meses eram contados pelas fases da lua, enquanto o horário era tido pela posição do sol e as estações pelos aspectos próprios do clima, como temperatura e a aparência das árvores. Os dias, as semanas nada era muito exato, mas buscava-se guardar na memória as datas. E, foi contando as fases da lua que se passavam e, nada de seu ciclo mensal vir, que acabaram por confirmar a sua suspeita da gravidez. Assim que Pedro voltou de Cruz Alta do Rio Pardo, dirigiu-se na mesma noite para contar lhe. Ao receber a notícia, ele disse apenas “Muy lindo”, quando Ana parou de chorar exclamou: “Rosa Mística” e depois buscou lhe explicar, dizendo – “Nossa Senhora, mãe do menino Jesus” (A. T., p.67). Mesmo sem compreender, ela pediu para irem embora dali, implorou que pelo menos ele salvasse sua própria vida fugindo dali, pois previa que seu pai e irmãos iriam matá-lo. No entanto, o índio afirmava ser tarde demais porque iria morrer, assim como na visão que tivera, na qual dois homens iriam matá-lo e enterrá-lo perto de uma árvore, “Eu vi...

---

<sup>7</sup> Todas as citações de Ana Terra referem-se a: VERISSIMO, Érico. Ana Terra. São Paulo: Globo, 2003 e estas serão identificadas por A.T, seguidas do número de página.

Vi quando dois homens enterraram mi cuerpo cerca de um árbol. Demasiado tarde” (A. T. p.67), e, ao pronunciar novamente a palavra Rosa Mística, fazendo menção à virgem Maria, entregou o punhal de prata, que sempre lhe acompanhara, a Ana.

A personagem retorna para casa desapontada. Sua mãe, apreensiva, ao perceber o que estava acontecendo, foi falar com Ana, quando esta chega. Sua filha, então, desabafa e confirma a suspeita. Temendo ser descoberta, pensa em tirar seu filho. Dona Henriqueta de imediato refuta essa ideia, propõe contar a Maneco aos poucos o caso. Desesperada sua filha afirma que se seu pai soubesse a mataria.

D. Henriqueta tremia, e foi sem muita convicção que disse: - “Não mata, não. Teu pai é um homem bom. Nunca pegou uma arma a não ser para defender essa casa”. - “A honra, a honra, a honra!” – dizia Ana com voz rouca, agarrando os ombros da mãe. - “A honra, mãe. Ele vai me matar.” – “Não mata, minha filha, não mata.”- “E o Antonio? E o Horácio?” – “Eles só fazem o que o pai manda”. (A. T., p.69-70)

Tal receio era inevitável em se tratando de sociedade que permitia que o pai de família agisse com muita violência em relação a qualquer situação que pudesse comprometer a sua dignidade, como é possível perceber no seguinte relato, “[...] Antonio Oliveira Leitão executou com suas próprias mãos, uma filha – que acenara um lenço para alguém que ele julgara ser seu amante [...]” (CÂNDIDO, 1951, [p.294]). A sociedade era permissiva, considerando que, em se tratando da época, o poder do pai era legítimo: “O marido é o chefe da família, senhor de sua mulher, dos seus filhos e, quando é o caso, dos seus criados”. (PERROT, 1991, p.389), como já apresentado anteriormente.

A autora Mary del Priore (2000, p.390) explica que, “Mulheres solteiras que se deixassem desvirginar perdiam o direito a qualquer consideração e, no caso de uma relação ilegítima, não se sentiam os homens responsabilizados, devendo as mulheres arcarem com o peso das conseqüências do “erro”.” Contudo, no romance de Veríssimo, Pedro não poderia se eximir da penalidade da culpa, não se tratava de um branco, naquela época seria inadmissível imaginar um relacionamento da mulher branca com um homem não branco.

Assim que Maneco Terra soube do acontecido, ao ouvir a conversa de sua esposa com sua filha, ordenou que seus dois filhos matassem Pedro, bem longe da

estância. Entretanto, resguardou a vida de Ana, porém, após a morte do missioneiro, ela passou a viver mais ainda, no isolamento, considerada como uma filha inexistente, “Para Maneco Terra a filha estava morta e enterrada: não tomava conhecimento de sua presença naquela casa” (A.T., p.76). Na noite seguinte, o silêncio predominou na casa, ouvia-se apenas o som do vento: “E dentro da casa aquela noite só se ouviu a voz do vento, porque ninguém mais falou. Nenhum dos homens sequer olhou para Ana, que só se sentou à mesa depois que eles terminaram de comer” (A.T., p.75).

O nome de Pedro não mais foi pronunciado. Horácio e Antônio mal lhe dirigiam a palavra, e quando isso ocorria era com aspereza, sequer olhavam para a irmã de frente, desencorajados pela consciência do que fizeram. Porém, isso não impediu que a tratassem com indiferença. No dia em que chegaram na fazenda três escravos que o patriarca havia adquirido, Antônio, irritado com seu pai que não aprovará a escolha de sua noiva, dispara seu ódio à sua irmã dizendo com agressividade para não se deitar dessa vez com um negro. Em resposta, indignada Ana o chama de assassino e de covardes por agirem entre dois contra apenas um, Pedro.

- “Cobardes”! Exclamou Ana, olhando também para os outros homens. – “Mataram Pedro” – desabafou ela. – “Assassinos!” – “Cala essa boca, pelo amor de Deus!” – implorou D. Henriqueta. – “Tu e o Horácio”! - gritava Ana, espumando na comissura dos lábios. – “Dois contra um, cobardes!” – Horácio estava de cabeça baixa. Antônio deu alguns passos e ergueu a mão para bater na irmã. Mas a mãe se precipitou para ele e se lhe dependurou no braço. – “Não, Antônio! Isso não!” (A. T., p.82)

Para a organização patriarcal, negro e índio não eram tratados como humanos, pois, eram considerados seres subalternos pelos homens brancos. No entanto, enquanto não se permitia o envolvimento desses com uma mulher branca, como no caso da personagem da obra de Veríssimo, essa mesma sociedade consentia com o intercruzamento persistente entre os colonizadores europeus e as mulheres indígenas e negras, subjugadas a condição servil, no início tal atitude era justificava-se pela falta de mulheres brancas, contudo: “Mesmo depois que as proporções entre os sexos na população branca eram mais ou menos iguais, continuou o concubinato com mulheres índias e negras.” (CÂNDIDO, 1951), e, assim surge o grande número de filhos ilegítimos e mestiços que irão compor uma nova classe social que irá constituir a estrutura dupla, formada por:

[...] um núcleo central, legalizado, composto de um casal branco e de seus filhos legítimos, e uma periferia nem sempre bem delineada, constituída de escravos e agregados, índios, negros, ou mestiços, na qual estavam incluídos as concubinas do chefe e seus filhos ilegítimos. (CÂNDIDO, 1951)

Ana somente não era menosprezada por sua mãe, apesar dela também estar subjugada às ordens de seu marido. Se algum estranho passava pela estância, Henriqueta tratava logo de explicar que sua filha era viúva, que o pai da criança havia falecido por problemas de saúde. Certo dia, quando esta pede para seu marido Maneco levar seu neto para batizá-lo em Rio Pardo, ouve dele uma resposta repleta de fúria, chamando a de louca, e que não permitiria que alguém soubesse do acontecido, desonrando seu nome, afirmando que teria sido melhor se tivesse nascido morto. Seu neto recebeu o nome de Pedro, como seu pai e, assim como sua mãe, foi totalmente ignorado por seu avô e tios.

Alguns anos se passam quando Horácio deixa a fazenda a contragosto do pai. Antonio se casa, trazendo sua esposa Eulália para morar com a família. Henriqueta adoece e acaba falecendo. Era inverno e ventava enquanto velavam o seu corpo naquela noite. Ana não sentia piedade, sequer chorou, para ela a partida representava um alívio para o fardo que sua mãe carregava consigo durante toda a vida, tendo que trabalhar como uma escrava e não ser valorizada, não sentia piedade de seu pai que a tratava como uma criada, dando ordens, concluía que agora ele deveria se apoiar nela ou na nora, pois precisaria de alguém para fazer os afazeres domésticos:

Seus olhos ficaram secos e ela estava até alegre, porque sabia que a mãe finalmente tinha deixado de ser escrava [...] Não teria mais que cozinhar, ficar horas e horas pedalando na roca, em cima do estrado, fiando, suspirando e cantando cantigas tristes de sua mocidade. [...] Não sentia pena dele. Por que havia de ser fingida? Não sentia. Agora ele ia ver o quanto valia uma mulher que Deus lhe dera. Agora teria ele de se apoiar na nora ou nela, Ana, pois precisava, enfim, de alguém a quem pudesse dar ordens, como uma criada. Henriqueta jazia imóvel sobre a mesa e seu rosto estava tranqüilo. (A. T.,p.86)

Assim, como sua filha, e gerações anteriores, Dona Henriqueta Terra estava limitada a sina de seu gênero, apresentando perfeitamente o papel dessa mulher que estava limitada a desempenhar a função de cumprir seu dever doméstico, descrita por

Del Priore: “O que lhe cabe é uma vida se sacrifício e servidão, uma vida sem história própria.” (2000, p. 403). Ambas, mãe e filha, apesar de estarem inseridas em uma sociedade patriarcal, eram mulheres menos favorecidas economicamente, desse modo, eram vulneráveis, já que não possuíam a proteção das mulheres “brancas” abastadas da época, expostas as diversidades sociais. Ana, por exemplo, não possuía os recatos de uma sinhazinha, nem possuía escravas a seu dispor, portanto, necessitava trabalhar e muito, assim como muitas outras mulheres brasileiras da época, além das escravas, que não integravam a elite social.

Desde a primeira noite em que D. Henriqueta partiu, a filha ouvia o som da roca que fazia ta-tá-tá, a princípio achou que fosse barulho do vento, mas o ruído se repetia: “Em outras noites Ana tornou a ouvir o mesmo ruído. Por fim convenceu-se de que era mesmo a alma da mãe que vinha fiar na calada da noite. Nem mesmo na morte a infeliz se livrara de sua sina de trabalhar, trabalhar, trabalhar...” (A.T., p. 88).

O destino de sua filha, entretanto, não fora muito diferente, somente três dias após o parto, Ana retornou a rotina diária de seu trabalho, levando seu filho dentro do cesto de roupa, se o trabalho a fazia esquecer-se do tempo, no inverno ele se tornava mais árduo: [...] pela manhã o chão freqüentemente estava branco de geada e houve um agosto em que, quando foi lavar roupa na sanga, Ana teve primeiro que quebrar a superfície gelada da água. (A. T., p.83)

Enquanto isso, Pedrinho crescia e completara onze anos. O tempo se passou e a luta entre castelhanos e portugueses continuava, longe de cessar. Um tropeiro ao passar pelo rancho avisa a família que bandoleiros castelhanos estavam nas proximidades, saqueando, matando as pessoas e violentando mulheres. Seu Maneco tratou imediatamente de preparar suas armas e ficar na vigia. Ao amanhecer ele e seus homens saem, normalmente, a campo para trabalharem. Depois de alguns dias, sem nenhuma novidade, cogitaram a possibilidade do bando ter mudado de rumo. Infelizmente não foi o que aconteceu, certa manhã ao avistar os Castelhanos chegando, Maneco ordena que sua nora Eulália com a menina Rosa; a filha e o neto Pedrinho fujam para o mato. Ana, entretanto, se recusa a partir, se impondo para ficar e lutar, se acaso o pior fosse acontecer estaria protegendo a vida dos demais, pois, como havia vestes femininas na casa seria inevitável, sabia que iriam procurá-las: “Se eu me escondo eles nos procuram

no mato, porque logo vão ver as roupas que tem mulher em casa. Se eu fico, eles pensam que sou única e assim Eulália e as crianças se salvam”( A.T., p. 97)

A ação dos invasores foi rápida e truculenta, em poucos minutos atiram no irmão, invadem a casa, matam o pai e os escravos, procuram dinheiro, não encontram a “prata”, entretanto, vêem Ana agachada, em sequência começam a abusá-la coletivamente com muita violência.

O homem resfolgava, o suor de seu rosto pingava no de Ana, que lhe cuspiu nas faces, procurando ao mesmo tempo mordê-lo. (Por que Deus não me mata?) Veio outro homem. E outro. E outro. E ainda outro. Ana já não resistia mais. Tinha a impressão que lhe metiam adagas em seu ventre. Por fim perdeu os sentidos. (A. T., p.100)

Ao despertar-se após a tragédia, Ana vai à procura de seu filho, encontra Rosa, Pedrinho e Eulália. Os quais retornam ao rancho, as duas mulheres e o menino passam a tarde enterrando os corpos. No meio da noite, ao lembrar que seu pai havia escondido as economias, levanta-se e desenterra a caixa de madeira com o dinheiro. Noutra dia, Ana, irá juntar os destroços que restaram intactos: a roca, o crucifixo, a tesoura que servira para cortar o cordão umbilical de seu filho e de sua sobrinha Rosa, algumas roupas e dois pratos de pedra, com os quais fez uma trouxa.

Ao passar pela estância um grupo de migrantes, com destino a Santa Fé para fundar um povoado, Ana, seu filho, sua cunhada e sobrinha partem, juntamente, levando a pequena trouxa, “Ana sentia-se animada com vontade de viver. Sabia que, por piores que fossem as coisas que estavam por vir, não podiam ser tão horríveis como que já tinha sofrido.” (A. T., p.108). Inicia-se, assim, uma nova etapa de sua vida, livre do jugo de seu pai, no entanto, isso não representará uma melhora em sua vida, restando-lhe continuar lutando constantemente por sua sobrevivência e de seu filho.

No povoado de Santa Fé ganha fama como parteira, sempre vinham chamá-la quando alguma mulher dava a luz. Quando ajudou no seu primeiro parto no povoado, ao cortar o cordão umbilical, vê a face magra e triste de sua mãe. Depois, quando constatou ser uma menina que havia nascido, disse ao pai da criança: “ ‘É mulher’ – E a seguir, sem amargor na voz, quase sorrindo exclamou: ‘Que Deus tenha piedade dela!’” (A. T.,p.128). A protagonista continua sua labuta, desenvolvendo uma das mais clássicas profissões femininas, a de parteira e costureira. Assim que o povoado cresce, seu filho

casa e sua neta Bibiana vem ao mundo com sua ajuda, “Ao ver-lhe o sexo, a avó exclamou: ‘Mais uma escrava’. E atirou a tesoura em cima da mesa num gesto de raiva e ao mesmo tempo de alegria. (A.T., 148)

## **O fantasma da mãe na roca: a condição feminina presa a dupla moral**

Apesar de querer esquecer as lembranças tristes do passado, Ana nunca se livrara da lembrança das madrugadas na fazenda quando via o fantasma de sua mãe na roca: “Olhava para a roca e lembrava-se dos tempos lá da estância, quando a alma de sua mãe vinha fiar na calada da noite. A roca ali estava, velha e triste, e Ana Terra sentia-se mais abandonada que nunca, pois agora nem o fantasma da mãe vinha fazer-lhe companhia”(A.T., p.140), quer dizer, assim como a lembrança de D. Henriqueta fica presa à roca o destino de Ana também ficou, portanto, ambas não conseguem se libertar do desígnio feminino preso à moral patriarcal.

No enredo a roca herdada de sua mãe, que recebera como lembrança de sua avó portuguesa, foi repassada à sua neta Bibiana, passando de geração em geração, traçando o destino dessas mulheres de gerar e conduzir a vida, manterem-se nas atividades exclusivas da casa, tecendo e fiando. A roca é resgatada por Érico Veríssimo da mitologia grega: As três deusas em Roma (Parcas) ou Moiras (Grécia) conduziam o fio da vida na roca, uma delas Láquesis representa o passado; a outra Cloto significa o presente e; a terceira Átropos assinala o futuro. Elas regulam a vida de todo ser vivo com o auxílio do fio que a primeira fia, a outra enrola e a terceira corta. Impiedosamente as Parcas fiam e desfiam o tempo e a vida. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p.455). O fio é a metáfora da vida, Láquesis representa o nascimento, Cloto o destino e Átropos utiliza-se da tesoura para cortar o fio, ou seja, decide sobre a morte.

Vale recordar que na obra de Veríssimo temos três mulheres que podem representar o passado, o presente e o futuro. São elas: dona Henriqueta que já falecera, Ana que ainda vive e a neta Bibiana que dará continuidade a trajetória da família Terra nas próximas narrativas da trilogia. E, tais artes domésticas, de habilidade manual eram tidas como excepcionalmente femininas, das quais mesmo estas mulheres fortes e de luta carregarão inevitavelmente consigo. Não somente a Roca, mas também a tesoura que sua mãe deixara, é também, repassada a Bibiana, outro símbolo dessa condição

feminina, pois, remete a deusa Átropos que possuía o poder de cortar o fio com a tesoura, decidindo sobre o fim da vida. No romance, a tesoura é utilizada para cortar o cordão umbilical, dando possibilidade a nova vida vir ao mundo, sendo assim, neste caso há uma inversão, porque ela decide sobre o início e não sobre o fim da vida.

Já quando Ana se olhava no espelho, além dela não se reconhecer, também via refletido nele os olhos tristes de D. Henriqueta, “Examinava-se com cuidado, descobria sempre novos fios brancos nos cabelos e às vezes nos seus próprios olhos via os olhos tristonhos de sua mãe”. ”(A.T., p.132). Se considerarmos que simbolicamente o espelho reflete a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p.393) pode-se interpretar que, quando Ana via os olhos tristes de sua mãe refletidos nos seus, projetava-se na realidade reflexo dos seus sentimentos, ‘do conteúdo do coração’, e, a consciência de que seu próprio destino era muito próximo ao da mãe, como também, de muitas outras mulheres ao qual ajudara nascer. Sendo que, a personagem demonstra várias vezes sua indignação a respeito desse assunto, ao expressar frases como “Que Deus tenha piedade dela”, “Mais uma escrava”, “Nem mesmo na morte a infeliz se livrara de sua sina de trabalhar, trabalhar, trabalhar...”; entre outras afirmativas, presentes no decorrer na narrativa.

Percebe-se, desse modo, que a dupla moral patriarcal não apenas tirou a vida do índio Pedro Missioneiro, mas também, condicionou a vida de muitas mulheres a um formidável peso social, ou, a um trágico destino como o vivenciado, em especial, pela protagonista desta obra. A qual, já próxima ao final do ciclo de sua vida, ainda, não compreendia o porquê de tantas guerras frequentes na região (que ainda não haviam cessado e, que seu filho era obrigado a lutar inúmeras vezes). Mas que compreendia a sua sina e conhecia bem o presságio que o vento<sup>8</sup> lhe trazia, assim que quando ventava dizia: “Noite de vento, noite de mortos...”(A.T., p.153).

## Referências

CÂNDIDO, Antonio. “Brazil: portrait of a helf continent”. In: SMITH, Lyn; MARCHANT, Alexander. **The dray Press**. New York: 1951, p.291-311.

---

<sup>8</sup> Os ventos são sinais e, como os anjos portadores de mensagens. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p.936)

CHEVALIER, Jean.; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** Trad. SILVA, V. C. et al.; SUSSEKIND, C. (Org). 26 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

DEL PRIORE, Mary (Org). **A história das mulheres no Brasil.** 3 ed. São Paulo: Contexto. 2000.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos.** 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Dir.). **A história das mulheres no Ocidente.** Trad. COELHO, Maria Helena da Cruz et al. 507 ed. Coimbra: Afrontamento, 1991, v.3, 608p.

RS Virtual. **A vasta área da República Guarani.** Disponível em: <http://www.riogrande.com.br/historia/missoes5a.htm>. Acesso em: 05 jun. 2014

RS Virtual. **O Tratado de Limites e o desmantelamento das Missões.** Disponível em: <http://www.riogrande.com.br/historia/missoes5b.htm>. Acesso em: 05 jun. 2014

RS Virtual. **A expulsão dos jesuítas.** Disponível em: <http://www.riogrande.com.br/historia/missoes5d.htm>. Acesso em: 05 jun. 2014.

TERTO, Francisca Teixeira. Guerra Guaranítica. **InfoEscola.** Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/guerra-guaranitica/>. Acesso em jun 2014.

VERISSIMO, Érico. **Ana Terra.** São Paulo: Globo, 2003.